



UMA PROPOSTA HIPERTEXTUAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS¹

A HYPERTEXTUAL PROPOSAL FOR THE FOREIGN LANGUAGE TEACHING-LEARNING PROCESS

Talismara Pereira²
Beatriz Helena Dal Molin³

RESUMO: O presente artigo versa sobre um outro modo do fazer pedagógico de línguas estrangeiras modernas, por meio do emprego das tecnologias de comunicação digital, no qual os educadores são incentivados a repensar sua *práxis* educativa em vários sentidos mas, especialmente em harmonia com as possibilidades que a tecnologia digital oferece. Procuramos estabelecer outros encaminhamentos para o ensino de línguas estrangeiras modernas, uma vez que os educandos encontram possibilidades de acesso a tais línguas fora do contexto escolar nas mais diversas formas, mas especialmente na *internet*. Destacamos a importância de os professores situarem-se como contínuos pesquisadores de sua *práxis* e de sua sala de aula, refletindo sobre o ensino de língua estrangeira em relação com a sociedade hodierna. Apresentamos também os resultados de uma pesquisa de Mestrado, na qual realizamos um curso de formação continuada, denominado de Ateliê, com professores de línguas estrangeiras modernas.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Estrangeiras Modernas; Tecnologia de Comunicação Digital; Formação Continuada

ABSTRACT: This article is about a different way of foreign language teaching, through digital communication technologies, in which the educators are encouraged to rethink their praxis in several ways but, mainly in harmony with the possibilities that the digital communication offers. We search to establish other directions to foreign language teaching, since the students are capable of access any foreign language outside the school, in a variety of ways, but mainly on the internet. We emphasize the importance of teachers acting as continuous researchers on their praxis and on their classroom, reflecting on the foreign language teaching related to the modern society. We present the results of a master degree research, where we developed a continuing education course, named Atelier, with foreign language teachers.

¹ Este artigo apresenta resultados da pesquisa de pós-graduação em Letras, nível Mestrado.

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, Paraná. E-mail: talismara@gmail.com

³ Pós-doutora no Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento, professora do Programa de Mestrado em Letras/Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, Paraná. E-mail: biabem2001@gmail.com



KEYWORDS: Modern Foreign Languages; Technology Digital Communication, Continuing Education

Introdução

As inovações tecnológicas, provocadas por mudanças no modo de pensar e agir dos homens de cada época exigem que, mudemos nossa postura e encontremos outros encaminhamentos para atender as necessidades atuais, como a forma de acesso às informações, à comunicação, ao lazer e à produção de novos conhecimentos. A Era tecnológica, pois, apresenta uma forma idiossincrática de transmissão e produção de conhecimentos por meio de diversas possibilidades que as tecnologias de comunicação digital, doravante TCD, nos propiciam.

As TCD, por apresentarem-se como um meio de disseminação de conhecimentos, identificam-se também como uma possibilidade para o ensino de línguas estrangeiras. Torna-se fundamental, pois, elaborar propostas que respeitem o movimento hipertextual no qual se valorizem as singularidades e se efetivem as múltiplas possibilidades de interpretação, de imaginação, de criação e recriação ao educando, permitindo, assim, que o conhecimento já produzido seja tratado em âmbito dinâmico e, que este seja capaz de levar os estudantes a produzirem mais conhecimentos disseminando-os para fora da escola, através dos aparatos que a tecnologia de comunicação digital nos faculta.

Dessa forma, destacamos a importância da formação continuada dos professores para o trabalho com a língua estrangeira de uma forma interativa, adequada à sociedade moderna. Apresentamos os resultados de um curso de formação continuada, denominado de Ateliê, realizado com professores de escolas públicas dos municípios jurisdicionados pelo Núcleo Regional de Educação de Cascavel-PR. Durante o Ateliê, *corpus* e pesquisa de nossa dissertação, os professores puderam discutir, trocar experiências, dificuldades, anseios e desejos sobre o ensino de línguas estrangeiras e o emprego das tecnologias de comunicação digital.



O ensino na era tecnológica

Na Era tecnológica, o conhecimento não pode ser concebido da mesma forma como tem sido durante os anos do século passado. Enquanto o papel apresenta a ideia de linearidade e de sequencialidade, o texto contemporâneo é não linear, permite rápido acesso às informações, é eficaz, pois aponta imediatamente às referências e, presta a informação que é importante ao leitor naquele instante.

O computador e as telecomunicações correspondem ao nomadismo das megalópoles e das redes internacionais. Ao contrário da escrita, a informática não reduplica a inscrição sobre o território; ela serve a mobilização permanente dos homens e das coisas que talvez tenha começado com a revolução industrial. A escrita era o eco, sobre um plano cognitivo, da invenção sociotécnica do tempo delimitado e do estoque. A informática, ao contrário, faz parte do trabalho de reabsorção de um espaço-tempo social viscoso, de forte inércia, em proveito de uma reorganização permanente e em tempo real dos agenciamentos sociotécnicos: flexibilidade, fluxo tensionado, estoque zero, prazo zero (LÉVY, 1993, p. 114).

O conhecimento não se encontra mais inerte no papel, desvinculado do movimento dinâmico da vida. Ele se presentifica e se potencializa por meio da rede mundial de computadores, na qual os modelos teóricos são constantemente atualizados, postos em prova e corrigidos, instigando a uma visão mais crítica que leve a não aceitar tudo o que a rede oferece, mas, selecionar informações e diversas teorias, que ofereçam interatividade, cooperação e possibilidades de construção de novos conhecimentos.

Em relação ao conhecimento Lévy defende que:

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 158).



Tomando como base o que de Lévy inferimos a respeito do conhecimento, enquanto educadores, devemos abordá-lo de uma forma diferenciada. Como cita Lévy, nossa memória não se parece com um equipamento de armazenamento e recuperação fiel das informações, pois pensamos de forma hipertextual, realizando sinapses neuronais, há, portanto, um labirinto que precisamos desvendar. Nossa memória não está mais ligada a decorar dados, logo “lembramos melhor, por exemplo, daquilo que pesquisamos, ou da informação que resultou de um esforço ativo de interpretação. [...] Quanto mais estivermos pessoalmente envolvidos com uma informação, mais fácil será lembrá-la” (LÉVY, 1993, p. 81).

Ressaltamos, porém, que a escola deve trabalhar com a informação de modo que ela se transforme em conhecimentos, ou seja, o amálgama para novos conhecimentos. Portanto, o educador, deve encontrar fios que o levem a tecer uma *práxis* que considere o que foi explicitado, evitando a *práxis* reiterativa, estagnada e monótona, na qual o educador apenas repete ou imita o que alguém uma vez lhe transmitiu. Ele sabe o que deve fazer e como fazer, uma vez que reproduz uma atividade criada anteriormente.

Urge promover processos de ensino-aprendizagem rizomáticos, dinâmicos, hipertextuais e transversais, utilizando-se da tecnologia de comunicação digital, através de todas as ferramentas disponíveis, dos processos de leitura e escrita de textos contemporâneos, ou hipertextos.

Enfatizamos, portanto, que a escola precisa deixar de ser uma simples repassadora de conhecimentos prontos, para ser o lugar da inventividade, da criação, espaço e contexto propícios para as vivências do aprender a aprender. Afinal, não há verdadeiro conhecimento sem conexão com a vida e expectativas dos aprendentes. Como afirma Assmann:

A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que vão se reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neuronais extremamente complexas e dinâmicas que vão criando estados gerais qualitativamente novos no cérebro humano (ASSMANN, 1998, p. 40).

A tecnologia digital passa a ser mais uma aliada ao ensino de línguas, o que não significa que se espere a extinção do livro, do quadro e giz ou do televisor. No emprego da tecnologia configura-se mais uma possibilidade para tornar o ensino algo vivo, em relação com a sociedade e com a vida dos educandos.



Um outro modo do fazer pedagógico: o hipertextual

Para promover um outro modo do fazer pedagógico em relação com as exigências do mundo hodierno, enquanto educadores, seria importante relacionar ao ensino aspectos que seduzam e atraiam, assim, o educador ao utilizar a tecnologia digital que encantou e encanta os estudantes deve relacionar subsunçores⁴, temas atuais, desafios e possibilidades de novas conexões e interatividade para promover uma aprendizagem mais dinâmica e produtora de novos conhecimentos. Segundo Lévy, “a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento” (LÉVY, 1999, p. 171).

Aprender uma língua estrangeira, doravante LE, é, sobretudo emergir nas idiosincrasias de um povo e compreender que o aprendizado de uma língua não é um fenômeno isolado, mas um processo de interação com outros fatores.

Assim, a interconexão da LE com a vida dos estudantes acarreta um aprendizado significativo⁵, uma vez que a interação entre a informação e o conhecimento não se inicia na escola, pois os estudantes se interessam em escutar música, assistir filmes, conversar com falantes da língua alvo, jogar na rede, atividades que exercitam as habilidades de LE. Essa curiosidade prévia permite que os estudantes disponham de uma série de conhecimentos que passam a desvendar por conta própria e é dessa maneira também que o contexto escolar deveria tratar o ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Considerando as interconexões realizadas pelos estudantes fora do ambiente escolar, por meio da tecnologia digital, urge-se considerar outras oportunidades para o aprendizado da LE para que a escola, de fato, desenvolva um ensino cativante e consiga fazer com que os estudantes tenham um aprendizado de qualidade e permaneçam com o desejo de adquirir cada dia maiores conhecimentos e domínio oral e escrito da língua que decidiram aprender. É possível, no

⁴ Segundo Ausubel (1982), o subunçor é um conhecimento prévio, ou seja, uma estrutura específica ou uma informação prévia a qual uma nova informação pode se integrar ao cérebro humano.

⁵ De acordo com Ausubel (1982), a Teoria da Aprendizagem Significativa propõe que os processos de ensino-aprendizagem valorizem os conhecimentos que os educandos já dispõem em sua Estrutura Cognitiva para que estes ao tomarem contato com novos conhecimentos passem a fazer associações com as estruturas cognitivas que já possuíam, assim, a aprendizagem será muito mais significativa e passará a fazer sentido para o educando.



ambiente digital trabalhar com músicas, imagens em movimento, vídeos, jogos, sites de pesquisa, pois ao acessarem a rede entram em um mundo novo, experienciando novos acontecimentos, decifrando desafios e a cada clique deparam-se com novas surpresas, novas descobertas que vão se somando à composição do imenso mundo que estão explorando e que vai sendo assim por eles tecido. E nesse intento que a formação continuada dos professores é imprescindível, para que os educadores percebam diferentes possibilidades de trabalho com a língua estrangeira.

Formação continuada dos professores: o Ateliê

A formação continuada dos professores, além de considerar a reflexão sobre a *práxis* pedagógica como um componente importantíssimo, deve incrementar novas possibilidades e propostas para o trabalho em sala de aula, que levem em conta a *práxis* criativa⁶, estratégias interativas, respeito aos subsunçores para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa que enrede os estudantes e os leve a desejar cada dia mais ter maior domínio na aquisição de uma LE.

Durante nossa pesquisa de Mestrado em Letras, realizamos um curso de formação continuada, o qual denominamos de Ateliê⁷, de 40 horas, com início das atividades no dia 25 de agosto de 2011 e finalização no dia 29 de setembro de 2011. Todos os encontros tiveram uma carga horária de oito horas (período matutino e vespertino) e foram desenvolvidos em um laboratório de informática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

No Ateliê refletimos sobre a maneira como o professor trabalha as atividades de conversação, a escrita, a leitura e a compreensão auditiva, que levou os participantes a

⁶ “Do ponto de vista da *práxis* humana, total, que se traduz na produção ou autocriação do próprio homem, a *práxis* criadora é determinante, já que é exatamente ela que lhe permite enfrentar novas necessidades, novas situações. O homem é o ser que tem de estar inventando ou criando constantemente novas soluções. Uma vez encontrada uma solução, não lhe basta repetir ou imitar o que ficou resolvido ; em primeiro lugar, porque ele mesmo cria novas necessidades que invalidam as soluções encontradas e, em segundo lugar, porque a própria vida, com suas novas exigências, se encarrega de invalidá-las.” (VÁZQUEZ, 1977, p. 247).

⁷ Destacamos que todos os textos utilizados e materiais, criados pelos professores permanecem disponíveis na Plataforma Moodle, cuja url é <http://projetos.unioeste.br/moodle/letras/course/view.php?id=62>.



identificarem se o seu trabalho e a mudança metodológica e de ferramentas estava provocando o efeito desejado nos educandos.

O Ateliê nos mostrou o seguinte perfil dos professores de LE, que vale a pena delinear: dos dezessete participantes iniciais, quatro demonstraram pouco conhecimento com o manuseio do computador, com os programas que utilizamos e com a *internet*, sendo esta conhecida pelas demais. Nossa intenção foi então incentivá-los a criar, a produzir, a trabalhar com o tecnológico, de modo a valorizar os subsunçores de cada cursista para que assim, compreendendo a importância da teoria da aprendizagem significativa, passasse a valorizar os subsunçores de seus educandos, quando em ambiente de sala de aula, percebendo que todos somos aprendentes⁸ na vida em processo. Portanto, se considerarmos que a minoria tinha pouco conhecimento sobre o manuseio com o computador, sobre os programas que utilizamos e sobre a *internet*, percebemos que os participantes tiveram um progresso significativo.

No Ateliê os professores aprenderam a trabalhar com a *wiki*⁹, com os fóruns, *blogs*, redes sociais, como ferramentas que contribuem para a inteligência coletiva, e aprendizagem colaborativa, de modo a considerar essas ferramentas no ensino de LE. Estes procedimentos levaram os educadores perceberem que podem levar seus estudantes a aprender e praticar a língua de outras formas, em espaços diferentes do ambiente escolar, ou seja, de sua casa para o mundo e, deste para a sala de aula.

Discutimos, também, com os participantes que não basta somente pensarmos em utilizar uma nova ferramenta em nossas aulas. Nossa postura enquanto educadores, enquanto agentes incentivadores da aprendizagem deve mudar. Assim, considerar que podemos aprender juntamente com nossos educandos a lidar com a tecnologia aponta para o fato de que o educador, neste caso pode aprender, pois, de forma coletiva, com seus estudantes em ações de trocas contínuas.

⁸ De acordo com Assmann, “aprendente é um agente cognitivo, que pode indicar um indivíduo, um grupo, uma organização, uma instituição [...], que se encontra em processo ativo de estar aprendendo” (ASSMANN, 1998, p. 128). Consideramos, como aprendentes, portanto, tanto educador quanto educando, pois ambos encontram-se em constante aprendizado. Aquele que ensina por sua vez aprende e aquele que aprende também ensina, ou seja, uma troca de experiências e informações.

⁹ Wiki significa rápido, veloz, no idioma havaiano, e é utilizado como diminutivo uma enciclopédia online, uma coleção de documentos. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/wiki/>>



Enfatizamos, também durante o Ateliê, sobre essa nova postura do educador: aprender de forma rizomática¹⁰, inventando novas estratégias e formas de relacionar o conteúdo com a vida dos estudantes. Para que assim os educandos possam perceber que a LE não é algo estanque, presa aos manuais didáticos, mas algo vivo e que eles podem fazer uso dessa língua fora do ambiente escolar, por meio da tecnologia digital, para entender informações escritas em LE, conversar com falantes da língua alvo, lendo artigos e anúncios e, principalmente sabendo se comunicar com o outro.

Destacamos que a criação e a inventividade devem fazer parte do dia-a-dia do educador, pois criar novas formas de apresentar o conteúdo, mostrar exemplos reais, permitir que o estudante interaja com outras pessoas não só com os colegas da sala, mas com falantes da LE, torna o ensino mais atrativo e produtor de conhecimentos.

Assim, quando questionamos os professores participantes sobre o desenvolvimento de trabalhos criativos, de atividades interativas e de dinâmicas diversas, todos declararam realizar algum tipo de atividade, tais como: simulações de situações do cotidiano, o uso da TV *pendrive*, brincadeiras, jogos, atividades ao ar livre, músicas, mensagens de otimismo, competições de oralidade e interpretação, jogos *online*, jogo do enforcado, jogo da memória, interpretação em forma de teatro, troca de *e-mail* entre os alunos e o professor, vídeos, diálogos.

Em relação ao emprego da tecnologia nas aulas de língua estrangeira, quatro professores relataram falta de segurança quanto à utilização da TCD; dois manifestaram descontentamento em relação à falta de materiais nas escolas em que atuam; e os demais consideraram importante o uso da tecnologia por tornar a aula mais interessante e pelo fato de os estudantes gostarem de estar diante do computador, quer pesquisando, quer jogando, quer elaborando alguma atividade.

Também questionamos os professores em relação às atividades que realizavam por meio do computador. Dois relataram utilizá-lo somente para trabalhar; outras dois relataram utilizá-lo

¹⁰ Consideramos rizomática a partir do que nos define Deleuze: “Diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. [...] Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.” (DELEUZE, 1996, p.22).



para pesquisas (aqui incluímos pesquisas para preparar as aulas) e para o trabalho; onze afirmaram utilizar o computador para pesquisas, preparação de aulas e outros (contato com amigos, redes sociais, e-mail, etc.); e apenas dois declararam utilizar o laboratório de informática com os estudantes.

Reforçamos junto aos educadores que não bastava decidirem utilizar a tecnologia digital, através de *slides*, filmes, fotos ou até *sites*, o mais importante era uma adequação a essa nova Era, que exige que os educadores encontrem formas diferenciadas, atrativas, críticas e consistentes para o ensino de LE, refletindo sobre a sua *práxis*, sua escola, seus educandos e, percebendo de que forma o aprendizado de uma LE pode fazer sentido para todos os estudantes.

Os participantes perceberam que o outro modo do fazer pedagógico, o fazer hipertextual, por meio do emprego da TCD, necessita fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, que atribua ao sistema escolar uma nova paisagem que açambarque teoria, *práxis* e estratégias metodológicas que dialogue com o perfil hodierno dos estudantes, portanto, de modo que o emprego da tecnologia digital nas aulas de LE surta efeitos significativos para efetivas e contínuas mudanças pedagógicas. Como nos mostra Ramal:

O modelo hipertextual de simultaneidade e não-linearidade precisa chegar à escola. Não é mais possível continuar organizando os saberes de maneira fragmentada, em currículos sequenciais e lineares, que pressupõem etapas a serem vencidas, pré-requisitos que funcionam como degraus. O esquema da escada não nos serve mais: prefiro o esquema curricular da rede, na qual, como no hipertexto, os pontos podem se interconectar (RAMAL, 2000, p. 4).

Os participantes do Ateliê procuraram utilizar as atividades desenvolvidas durante o curso de formação continuada com seus estudantes, o que nos mostrou uma preocupação das docentes em realmente interligar o que os educandos vivenciam por meio da tecnologia digital com os conteúdos disciplinares, na tentativa de realmente ocorrer a produção de conhecimento.

Comprovamos, por meio dos depoimentos das professoras que empregaram as TCD nas suas aulas, que este fazer pedagógico diferenciado traz benefícios, como uma participação maior dos estudantes, o envolvimento com o conteúdo e com a disciplina e a prática da LE em contextos diferentes da escola.

Isso nos mostra que a TCD produz novos sentidos para o aprendizado de uma LE, pois ao conversamos com um falante da língua alvo, por meio do *chat*, visitarmos o *site* de um país,



assistirmos filmes ou, escutarmos músicas, passamos a ter contato com experiências diferentes que envolvem sentimentos, os quais se relacionam com nossas vidas, que levam, portanto, a uma aprendizagem significativa.

Considerações finais

Um curso de formação continuada, portanto, deve considerar além das discussões teóricas sobre aquisição de línguas, aprendizagem, ou ensino, momentos de reflexão sobre a *práxis* docente. E é exatamente isso que procuramos fazer durante o curso de formação continuada que ministramos. No Ateliê, concebemos os encontros como momentos de trocas, como um espaço de interação e intersubjetividade e aproximação à pesquisa e às discussões que são produzidas na universidade, na escola e pelos professores de LE.

Os estudos, a pesquisa, as discussões e a avaliação continuada do fazer pedagógico devem estar presentes dentro da escola, no sentido de que professores e coordenadores estejam preocupados em compartilhar o seu conhecimento, as suas experiências, os seus acertos e erros com os demais professores. Deste modo, promover-se-ão momentos nos quais os professores apresentam seus planejamentos, propostas de atividades, ou objetos digitais desenvolvidos, através dos quais o professor experimente e vivencie ocasiões de utilização da LE e, reflita sobre os aspectos teórico-metodológicos no ambiente da sala de aula e, da escola como um todo.

Apontamos a necessidade de realização de cursos de capacitação e atualização em tecnologias digitais, como uma forma de aproximação do ensino superior com o ensino fundamental e médio, como contribuição para que, o ensino nas escolas públicas se configure de forma hodierna, em relação aos avanços da ciência e da tecnologia, possibilitando outras escolhas aos educandos, no que se refere ao futuro e à vida enquanto cidadãos.

Referências



ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, v.3, 1996.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Trad. Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VÀZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Trad. Simone Rezende da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.